

O Brevo

Difusão do Espiritismo Religioso - Órgão da Aliança Espírita Evangélica - Fraternidade dos Discípulos de Jesus

ANO XV

São Paulo, Maio de 1989

N.º 183

FATALIDADE E LIVRE ARBÍTRIO

Edgard Armond

Os homens que creem na fatalidade cegamente, admitindo que ela existe por si mesma, desconhecem as leis da vida espiritual, negam o valor humano como elemento primacial e decisivo da evolução, rebaixam o homem à condição de escravo de circunstâncias incontroláveis, de vítimas de forças sobrenaturais; não admitem a existência de leis imanentes e eternas reguladoras do cosmo e fazem de Deus uma entidade subalterna que intervém diretamente nos detalhes da vida humana.

Mas a verdade é que fatalidade não é uma lei, mas uma decorrência de atos anteriores, um aspecto somente do cumprimento da lei de justiça ou reciprocidade já estudadas. Praticado o ato, este gera um efeito e quando o efeito surge, com seu caráter imperativo e irrevogável, diz-se então que isso é a Fatalidade.

É certo que, bem pensadas as coisas, existe mesmo fatalidade nessas ocorrências mas somente no sentido de que o efeito não deixa de ocorrer à hora certa, irrevogavelmente; mas não no sentido de que houvesse agido no caso uma lei especial provocando os acontecimentos, em caráter independente e à parte.

Tudo, por outro lado, em nossa vida, está ligado entre si, inteligentemente entrosado, formando uma cadeia contínua e em certos casos se poderia, com auxílio, por ex. de uma vidência ampla e perfeita que abrangesse o passado, o presente e o futuro, verificar esse encadeamento de eventos, suas causas e efeitos, suas determinantes e resultantes.

Os que admitem a fatalidade como uma força cega ou como uma lei inexorável estão indubitavelmente em erro, mas, de alguma forma, podem ser justificados quando se compreende que só consideram os efeitos, constatam sua inflexibilidade mas não levam em conta suas causas e ligações com fatos anteriores.

O que os torna mais fanáticos nessa concepção errônea é ignorarem a razão porque os fatos ocorrem, ou que forças ou agentes atuam para que eles se realizem.

As próprias religiões orientais, que revelaram a lei do Karma, conhecida também por Lei de Causas e Efeitos; as doutrinas e filosofias derivadas que lhes seguem os ensinamentos; e os demais credos conhecidos, todos silenciam e nenhum deles explica que agentes atuam para que os acontecimentos cármicos ocorram.

Até que com o advento do Espiritismo o assunto foi esclarecido, sabendo-se que os espíritos de alguns graus da hierarquia

são os que intervêm como executores da vontade ou das leis divinas; como, também os próprios seres humanos, encarnados ou desencarnados: nos atos de nossa vida comum interferimos direta ou indiretamente para que a lei soberana e eterna da justiça se cumpra e o homem trabalhe para o homem, para que o espírito de solidariedade universal domine por fim em todas as manifestações da vida cósmica.

Os espíritos desencarnados, cumprindo instruções superiores ou agindo por si mesmos, quando possuem a necessária autoridade espiritual, agem em todos os sentidos como colaboradores ou como executores inteligentes e ativos.

De posse dos elementos relacionados com as causas, fazem com que os efeitos atinjam as causas, fazem com que os efeitos atinjam aqueles que os provocaram; quer no campo material como no moral, direta ou indiretamente, dispõem as circunstâncias de maneira que sejam obtidos os resultados visados.

Seu trabalho é muitas vezes delicado e complexo e sujeito a fracassos momentâneos, (porque o livre arbítrio pessoal é sempre respeitado) mas perseveraram, corrigem os defeitos, reúnem novo cabedal, aguardam nova oportunidade e por fim conseguem atingir o fim colimado.

Para o observador leigo ou superficial, tudo provavelmente não passará de simples coincidência, de acasos, de fatalidade, mas, para aquele que sabe ver ali estão patentes as mãos invisíveis dos guies e protetores, amigos dedicados e benévolos, que riem ou choram conosco, quando enfrentamos as crises penosas, ou os momentos felizes, que representam prêmios ou recompensas por atos praticados, registrados e jamais esquecidos.

Nossa vida cotidiana está cheia de fatos que comprovam estas afirmações mas, como ilustração, citamos apenas um, no qual a preparação e a providência foram bem trabalhadas.

O pequeno Artur, de 3 anos de idade, a partir de determinado dia, começou a ser atraído pelo fogo. Ora chegava sorrateiramente ao fogão, mexia nos tições, puxava as panelas, derramando a água sobre a chapa quente.

As caixas de fósforo na casa andavam sempre escondidas e a lâmpada de querosene já não ficava mais acesa sobre a mesa, por causa do menino. A mãe não tinha mais um minuto de sossego e não o perdia de vista o dia todo mas, mesmo assim, as queimaduras já eram numerosas na pele

tenra do corpinho mirrado do menino.

Duma feita, em uma festa de S. João, tão comuns na roça onde moravam, o menino brincando com outro foi atirado, não se sabe como, sobre o braseiro da fogueira e teria perecido se não tivesse sido socorrido por um conhecido da família.

Quando o menino cresceu um pouco mais, na mesma festa de S. João, os pais não o deixavam arredar-se de junto deles, mas no dia seguinte, enquanto sua mãe lavava roupa no córrego do fundo do quintal, o menino se aproximou dos restos que ainda ardiam da fogueira da véspera e, mexendo nas brasas, sua camisola se incendiou. Com seus gritos a mãe acorreu, mas não pôde arrancar a roupa porque ele havia passado um fio de arame enferrujado na cinta, com um pedaço de sarrafo fingindo de espada de soldado.

A tragédia foi preparada com meticulosidade e assim cumpriu-se para ele o resgate de que necessitava para libertar-se de dívidas anteriores.

É interessante reparar como as coisas sucedem, como se ajustam, agrupando-se ou dividindo-se, surgindo ou desaparecendo no momento certo; como se vão colocando às vezes umas coisas ao lado de outras, formando cadeias sem a falta de um só elo, ou fragmentando-se, sem deixar um só intacto, tudo para que os efeitos se cumpram.

Às vezes num desastre sucumbem todos menos um, ou salvam-se todos menos um. Mas sempre o que se dá é o mesmo fenômeno: os executores conseguiram, ao custo de sabe Deus quantos esforços e maglhos prévios, reunir finalmente todos os elementos necessários à execução plena da tarefa em vista.

Outro aspecto do problema geral que devemos considerar é este: quando fatos desagradáveis se abatem sobre nós, costumamos nos lamentar e maldizer a sorte; nunca nos lembramos de que estamos sendo cobrados de uma dívida, passando por um ligeiro resgate, mantendo aliás nossa pauta de equilíbrio evolutivo; e somente mais tarde, passado o tempo, é que compreendemos que foi melhor assim, mesmo contra nossa expectativa ou desejo, pois que, operando o resgate, paga a dívida, ficamos desobrigados e nossa vida, mormente na parte moral, que é a mais importante, passa a fluir melhor.

Fatos que à primeira vista nos parecem desastrosos resultam por fim benéficos e produtivos, porque o resgate é sempre uma

(continua na pág. 2)

(continuação da pág. 1)

condição, um prenúncio de progresso imediato.

O que é preciso é compreender, penetrar no âmago dos acontecimentos e recebermos todos eles, bons ou maus, (aparentemente), com ânimo severo, resignada e conformadamente pois que, como já vimos, somos nós mesmos os mais diretamente beneficiados por eles.

Pode-se, em termos, admitir a fatalidade do sentido de que nossos atos geram conseqüências e que estas fatalmente se apresentarão ante nós no devido tempo.

Pelo Livre Arbítrio poderemos interferir nessas conseqüências direta ou indiretamente, modificando-as, por exemplo, aumentando ou diminuindo seu vulto: se contrariamos ou adiamos sua realização aumentamos seu vulto, que fica assim acumulado, mas se as enfrentamos e vencemos, resgatamo-nos daquela responsabilidade.

Por outro lado há muita coisa que não representa fatalidade; são atos da vida comum, criados no momento, não ligados a coisas anteriores. Quem por exemplo não sabe nadar e atira-se em um rio, provavelmente morrerá afogado. Não era coisa anterior mas no momento mesmo em que se efetivou, gerou conseqüência lógica que se traduz como afogamento.

Os atos bons e justos que geram conseqüências boas representam fatores concordes com a harmonia e o equilíbrio, trazendo repercussões favoráveis que ajudam e engrossam o fluxo da vida; pela mesma razão quando são maus, discordantes, negativos, colidem, com a lei e resultarão desfavoráveis retardadores da vida, da evolução individual.

Essas conseqüências são quase sempre ou remotas; imediatas as de natureza material e remotas as espirituais.

O guloso, por exemplo, está sujeito a adoecer logo após o ato de intemperança, ao passo que quem possui imperfeições morais, vícios ou paixões dessa natureza, somente a longo prazo ou no curso de vidas sucessivas sentirá os efeitos correspondentes. (Do Livro "O LIVRE ARBITRIO").

"SE A CRIANÇA É O FUTURO NÃO A DESAMPARE NO PRESENTE"

A CAEI está trabalhando no melhoramento do Programa de Evangelização Infantil da Aliança, onde já contamos com a adesão de 9 grupos (CEME, NOSSO LAR, VINHA DE LUZ, CEA E GENEBRA, C.E. DISCÍPULOS DE JESUS, G.E. RENASCER E FRATERNIDADE CRISTÃ).

Fazemos um apelo aos grupos que ainda não estão participando, visto que a tarefa é grande e necessário se faz o espírito de fraternidade e união, pois a tarefa com criança é de fundamental importância e um centro sem criança é um centro sem vida.

Abriremos um convite para todo trabalhador de boa vontade a participar de nossas reuniões mensais deixando agendado desde já para os próximos 3 meses:

07/05 - Grupo Fraternidade Cristã - Rua Homero Sales, 1011

04/06 - CEAK - Av. 19 de Fevereiro, 658 - Km. 18 - Osasco

02/07 - C.E. Vinha de Luz - Rua Haneman, 169 - Pari

Não Falte! Venha unir-se a nós.

SERENIDADE

Mayr da Cunha

O homem, segundo a definição da ciência, é um animal racional. Estudiosos classificam-no também como ser racional. Analisando as duas, vemos que podemos interpretá-las diferentemente. Estamos mais próximos do animal do que do ser. O argumento que buscamos é o de que ser significa um estágio ou escala mais avançada na evolução, enquanto que o animal ainda traz dentro de si resquícios primitivos, ou seja, as explosões internas incontroláveis.

E tal fato não pode ser negado por ninguém. Quem se defenderá alegando que, jamais, sentiu-se regredir ao primitivismo, agindo como um irracional? Poucos desfrutam desse privilégio. Mesmo aqueles considerados fora de série descontrolam-se de vez em quando.

Se em tempos amenos era quase impossível para o homem apresentar-se como racional na sua plenitude, hoje muito mais o é. Somos pressionados por todos os lados e há momentos em que nos sentimos aproximar do detonador da explosão.

Daí a insistência da Doutrina cristã em enfatizar a necessidade de o homem evangelizar-se cada vez mais, aprimorando suas virtudes interiores, fazendo-as crescer sem limites. Por isso Emmanuel nos diz que "para evangelizar é necessário a luz do amor no íntimo". Conseqüentemente, o negativismo e os impulsos incontroláveis serão desabrigados por falta de ação.

São poucas as pessoas que conhecemos como detentoras dessas virtudes, portanto, com razão de serem invejadas. Mas, por que não nos desdobramos em busca do mesmo estágio? Nossa principal desculpa é não termos fibra suficiente, o que se traduz por conformismo. Queremos que os fatos aconteçam de acordo com nossas vontades, e geralmente da maneira mais fácil e amena. Esforço é para meu semelhante, que é forte ou mais necessitado do que eu: é esse o primeiro pensamento que temos, além de uma série infundável de desculpas.

Jesus, o eterno exemplificador para nossas vidas, legou-nos uma bela lição na parábola da Multiplicação dos Pães. O povo se encontrava impaciente ao final do dia, com sintomas de fome, e já se anunciava tumulto por pressentir a inexistência de alimentos para todos.

Jesus, apesar de todo o seu poder de realizar milagres, não poderia fazê-lo naquele instante se não houvesse a cooperação total. A primeira coisa pedida foi solicitar aos discípulos que asserenassem a multidão, que se fizesse a paz. Que bela lição! Isto significa que a paz é conquista indispensável, é luz na escuridão, guia os passos do viajor perdido.

A paz é atributo necessário para poderemos ordenar nossas idéias, levantando pontos fortes e fracos, com o objetivo de traçar a estratégia em busca da vitória. No entanto, se reconhecemos que nos dias atuais isso se torna quase impossível, vamos nos empenhar com bravura e denodo. Quando existem dificuldades e barreiras à nossa frente que nos impedem de avançar, é que devemos nos agigantar!

Dado o fato de que, como cristãos, somos conhecedores do que é capaz de realizar a fé, dos resultados de uma boa conduta, ação ou vibração, é sobre nossos ombros que repousa a responsabilidade para esse esclarecimento. Vamos colaborar usand-

do para tanto as lições dos benfeitores espirituais e os exemplos legados por Jesus. E é novamente Emmanuel que nos esclarece afirmando que "a mentalidade sábia somente constituirá uma realidade quando houver um perfeito equilíbrio entre os movimentos do mundo e as conquistas interiores da alma".

Todos, sem exceção, seremos vencedores quando tivermos paz e serenidade interiores e essas são qualidades excelsas que exaltam aqueles que fazem parte da legião do Cristo, a única invencível.

DIRETORIA

Nova diretoria da Fraternidade Paulo de Tarso, de S.J. dos Campos:

Presidente: Aloísio Petiti;

Vice: Ivone Bertagnol;

1º Tesoureiro: Edmara Franco Cardoso;

2º Tesoureiro: Jose Faig Torres Sales;

1º Secretário: Nadir Barreira Sales;

2º Secretário: Angela Gaioso;

Diretor de Estudos: Alberto Campos;

Dirigente Espiritual: Amado Cardoso;

Evangelização Infantil: Edmilson Augusto Nobile;

Eventos e Promoção: Terezinha M.I. Petiti;

Conselho Fiscal: Menandro Araújo, João

Martins, Waldir M. Mariano e Wasevold Katsuk.

GRUPO PRECISA DE TRABALHADORES

Nosso companheiro Lopes, membro da Fraternidade dos Discípulos de Jesus, está começando as atividades de um centro espírita no Tucuruvi, zona norte de São Paulo. Já juntou mais dois companheiros do bairro e está precisando pelo menos de mais quatro para que possa dar início a um trabalho de passes aos sábados à tarde ou nos domingos.

Quem tiver afinidade com o programa da Aliança e tiver disponibilidade para abraçar esse trabalho, pode entrar em contato com Lopes, pelo telefone 37-6580 (das 10 às 16h30). Atualmente as três pessoas reúnem-se aos sábados à tarde na rua Aduato Bezerra Delgado, 173 - Jardim Joamar, Tucuruvi, Jardim Tremembé.

FRAGMENTOS...

(continuação da pág. 8)

Não posso ficar cultivando o pessimismo.

Detesto dizer a minha idade ou o ano em que nasci. (Vaidade)

Quando as coisas correm de forma diferente do que eu acho correto (às vezes), fico com tanta vergonha. (Orgulho, vaidade)

E vós, pais, não provoquem a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor

Paulo (Efésios, 6:4)

O DIA DAS MÃES

Adolpho Marreiro Júnior

C. E. "Estrada de Damasco" - São Vicente - SP

Segundo sabemos, nasceu nos Estados Unidos, em 1908, no Estado da Virgínia, por inspiração e iniciativa da senhorita Ana Davis. Oficializou-se no Brasil em 1932.

Feliz idéia de miss Davis! Justa homenagem à "Rainha do Lar", não obstante os homens haverem tisonado a pureza do evento, com sua proverbial voracidade mercantilista.

O amor de mãe é uma das muitas manifestações divinas que excedem ao entendimento humano. Aliás, que seria da humanidade e de sua perpetuação no Planeta, se não fora o sustentáculo desse amor? Talvez, porcentagem esmagadora daqueles que descem à carne, não sobreviveria se Deus, em Sua Infinita Sapiência e Bondade, não colocasse esse "anjo guardião" para nos amparar nos primeiros anos de nossa infância, frágil e indefesa!

Vale considerar que existem muitas mães que não expressam essas características de anjo tutelar, mas, isso é exceção da regra, constituindo a minoria.

O amor maternal está no rol dos grandes mistérios divinos que desafiam explicações nascidas de malabarismos intelectuais. Aliás, nenhuma das ciências humanas poderá explicar, satisfatoriamente, essa manifestação a que denominamos Amor. Talvez seja por que os recursos de nossa mente não ultrapassem o plano das relatividades, enquanto que o amor deve ser algo que nos alcança, vindo de uma dimensão mais alta, do absoluto, fora do armazém de informações a que chamamos mente. É aquele algo sentido e não explicado. É o sentir independente do saber.

Quis o Senhor, em Sua Infinita Sabedoria e Bondade (se assim nos permitem conjecturar), que toda a Sua criação estivesse amparada e garantida pelo desvelo maternal, em todos os segmentos da vida. Temos, pois, no amor de mãe, a garantia da sobrevivência de todas as espécies de vida animal que evoluem na Terra. Amor de mãe—Oh! mistério de Deus! Quem poderá explicar, satisfatoriamente, por que a ave chororó morre tentando, inutilmente, apagar com o bater de asas, o fogo da queimada que vai reduzir a cinzas seus filhotes no ninho? Por que a galinha investe, em luta desigual, contra o predador que vem devorar seus pintinhos? Por que animais temíveis como a pantera, a leoa, a loba e muitos outros trocam seus violentos instintos carnívoros por atitudes de extrema ternura para com a prole?

A diferença é que a proteção, o alimento, o agasalho e o carinho materno nos animais, não ultrapassam o tempo apenas necessário a que seus filhotes aprendam a se cuidar, enquanto que nos humanos, o amor materno é aquela eterna bênção divina, agasalhando os filhos por toda a vida terrena, com sequência ainda na Pátria Espiritual. A literatura espírita é pródiga em exemplos de continuidade do amor materno no Mundo Espiritual. Dentre muitos casos, citamos apenas um, contido no livro Libertação, de André Luiz: Matilde é o nome da mãe sublimada. Residindo em altas esferas espirituais, jamais deixou de se preocupar pelo filho, o temível sacerdote Gregório, líder de poderosas organizações criminosas, sediadas no astral inferior.

Separada desse filho amado há alguns séculos, conseguiu, graças à força do seu divino amor, recuperá-lo para as hostes do Cordeiro, com orações constantes e a colaboração de muitos espíritos amigos.

Neste mundo expiatório, onde o crime, o vício e as degradações proliferam infrenes, o amor maternal aí está para minimizar os sofrimentos, servindo, consolando, fortalecendo, aconselhando e, não raro, consumindo-se até o último alento, em benefício de filhos que optaram por caminhos tortuosos.

Em nosso mundo, graças as suas condições de atraso moral, o número de lares onde as mães podem desfrutar as venturas de conviver com filhos equilibrados, carinhos e reconhecidos, ainda é bem menor do que o número de lares onde imperam a indiferença, o egoísmo, a impiedade e a ingratidão para com os desvelos maternos.

Quantas mães, justo no dia em que são homenageadas, estarão visitando os filhos que cumprem penas nos presídios? Quantas conviver, heroicamente, com o infortúnio de cuidarem de filhos deficientes pelo resto de suas vidas? Quantas, nesse dia, visitam seus filhos nos manicômios? Outras, no dia das mães, despedaçam seus corações, com saudades das filhas queridas, agora residindo nos antros de prostituição.

Não se pode esquecer também das mães viúvas, por vezes sustentáculo de famílias numerosas, trabalhando horas excessivas até à exaustão, para que não falte o dinheiro do aluguel, do alimento, do estudo dos filhos etc. Não é raro o caso de mães que lutando sozinhas, conseguem formação superior para os filhos que, algum tempo depois de receberem seus diplomas, perderam suas heroicas benfeitoras, exauridas pelos esforços constantes.

A vida dessas heroínas é semelhante à árvore generosa, sempre renovando a safra de frutos para servir a família.

Todos temos muitos amores em nossas vidas: amamos o torrão onde nascemos; amamos nossas propriedades; amamos nossos animais domésticos; amamos nossos amigos e, de um certo modo, até os nossos inimigos, evitando revides e vingança. Mas, tudo isso não passa de amores menores, em cujo exercício dificilmente chegamos aos exemplos sublimados da renúncia da própria vida, qual ocorre com o amor de mãe, exceção feita, frisamos, às que escapam a esse comportamento.

Sem exagero, podemos afirmar que, abaixo do Amor de Deus e do Amor Universalista exemplificado por Jesus, o Amor de mãe pode ocupar o terceiro lugar. Amor de Deus, Amor de Jesus e Amor de mãe.

Dia virá em que esse Amor deixará de estar confinado apenas ao núcleo familiar, para se tornar prática comum e espontânea entre todos os homens.

Nesse porvir, a Terra será um mundo venturoso! Jesus, do alto da cruz, profetizou esses tempos felizes, dizendo a Maria: "Mulher! eis aí teu filho" amado.

Depois, olhando para João: "João! eis aí tua mãe", como a lhe dizer: Veja em cada mulher uma mãe muito querida.

As mensagens que os Espíritos nos enviam homenageando as mães, quase sempre enfocam os dramas pungentes daquelas que tiveram suas vidas repletas de renúncias e consumidas pelas ingratidões dos filhos. Tais poemas nos lembram as centenas de milhares de mães que habitam localidades miseráveis, que ainda proliferam nos países do chamado Terceiro Mundo.

No Dia das Mães, para homenagear às Rainhas de todos os lares, principalmente às heroínas crucificadas pela indiferença dos filhos, escrevemos este artigo, colocando em seu desfecho o poema intitulado Sa-

crifício de Mãe, de autoria do Espírito Maria Barreto, psicografado por Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece, na noite de 14 de março de 1987, em Uberaba, Minas.

SACRIFÍCIO DE MÃE

Guardo-te, Mãe, a voz suave e mansal — "Fala o nome de Deus, minha querida!" Repete: "Deus é a luz de nossas vidas!... Como choro ao rever-te na lembrança!

Beijavas-me, depondo-me na rede... Depois corrias ao fogão de brasa. Sopa era o pão de sempre em nossa casa E eu te olhava a chorar, com febre e sede.

Mandaste-me ao estudo com mesada. Pedias mais serviço aos teus clientes E nunca vi os teus braços doentes De tanto costurar na madrugada.

Entrei no clima da cidade grande... Quanta humildade no que me escrevias, Narrando-me tristezas e agonias, Entretanto, a secura se me expande.

Vieste ver-me e comentando a viagem, Reprovei-te o roupão de seriguilha... Eu vestida de seda-tua filha—Corrigia-te os erros de linguagem.

Ficaste triste, andando a passo lento, E regressaste logo ao teu recanto. Notando que saías, vi-me em prantos, Alma ralada no arrependimento...

Hoje, Mãe, quero ouvir o teu perdão!... E por mais que te chame, chore e brade, Só vejo em mim a sombra da saudade Que me oprime e retalha o coração!...

IRRITAÇÃO

Celina Seravalli
CE Geraldo Ferreira

Irritação, uma simples palavra mas que nos trás consequências desastrosas. Eu posso afirmar com muita convicção, pois era uma pessoa super-irritada, reclamava de tudo e vivia me queixando até de minha própria sombra, mas depois que passei a frequentar e a estudar a Doutrina Espírita, comecei a entender melhor as coisas e vi que a irritação e as queixas não resolvem problema algum. Se eu tivesse parado para pensar teria entendido o tempo que perdi com esse falso sistema de desabafo, porque uma palavra lamentosa pode derrubar todo um trabalho edificante com relação a nossa evolução.

Eu nunca tinha parado para pensar, pois quando estou irritada não consigo raciocinar direito, a irritação é um vício horrível que desvia as pessoas bem intencionadas na execução do dever justo, complica a nossa vida e atrapalha todo o nosso desenvolvimento. Tenho bastante experiência disso, pois às vezes surgiam trabalhos maravilhosos e eu não conseguia executá-los por falta de raciocínio, por estar quase sempre irritada. Todos nós temos que tranquilizar o nosso mundo interno, para vencermos esse vício que ataca os serviços de redenção de nós mesmos, porque os caminhos de resgate e elevação permanecem cheios de espinhos e para passar é necessário revestir a nossa alma de caridade que é o amor sublime. Ter muita fé em nosso Divino Mestre Jesus é necessário para conseguirmos combater o vício da irritação e progredirmos.

MOCIDADE ESPAÇO DA ADE

O PRIMEIRO LAR

André M. Lorenzetti
CEAE, Genebra

O primeiro choro seguido do primeiro sorriso, o primeiro beijo anunciando o primeiro sono, o primeiro olhar curioso com o primeiro murmúrio.

A primeira noite chorando sem parar, a primeira cólica, o primeiro vaso quebrado.

Tudo isso é acompanhado por aquela pessoa que te transportou, alimentou e amou durante meses, enquanto você iniciava seu retorno à Terra. Aquela voz que você ouviu tão de perto, agora canta para você dormir, passa a noite a teu lado te dando remédios e te embalando, para na manhã seguinte, servir-te a primeira refeição do dia com aquelas evidentes olheiras.

Aquela que te ajudou a dar o primeiro passinho, abrindo as portas para novos caminhos, é a mesma que te socorreu ao cair da escada, bicicleta, árvore. A mesma pessoa que te ensinou que fogo queima é quem fez os curativos da mordida de cachorro, picada da abelha, arranhões dos espinhos.

É, apesar de todos os cuidados e prevenções que elas tomam por nós, talvez

por vontade de sempre ser do contra, fazemos o oposto e desafiamos a sabedoria popular, acabando é claro, recuando, mas nem sempre dando o braço a torcer. Mas elas não reclamam, observam de longe com aquele olhar inconfundível.

Acho que ainda somos muito crianças, às vezes. Só para contrariar, temos muitas vezes que voltar atrás e pedir o seu auxílio. Reclamamos e muito, de seus conselhos, mas não sabemos a profundidade e sentimentos que deles vêm.

Mas não liguem, mães, no fundo sabemos todo seu valor, e sei lá porque não queremos demonstrar isto.

Realmente não é uma tarefa fácil, porque se fosse, Maria não teria recebido o título de Nossa mãe. Agradecemos por tudo que nos ofereceram; pelo colo, pelo leite, pelas noites mal-dormidas, e acima de tudo, parabéns porque só o amor materno para transpor tantas e tantas barreiras e lutar em excesso por uma outra pessoa. Em verdade, mãe não tem uma só, e sim várias em um só corpo.

O BURRO EMPACADO

Naudemar Nascimento
CEAE, Londrina

A cena, aos meus olhos de menino, era curiosa e surpreendente. Inusitada, surpreendeu-me pela originalidade.

Dia abafado, sol muito quente, e o burro, com pesada carga no lombo, era conduzido por seu proprietário quando, de repente, sabe-se lá porquê, empacou. Empacou e iniciou um drama pro seu condutor, pois não se dispunha a mais nenhum passo à frente. Aliás, prá direção alguma.

O homem, impaciente a princípio, ante a renitência do animal, acabou por irar-se, desferindo inúmeras reiadadas no insubmisso burro que, ainda assim, permanecia imóvel.

Minutos longos se passaram sob forte sol e o homem, quase desesperado, bate mais e mais no animal; chacoalha, ordena, puxa, tenta de todas as formas possíveis retirá-lo. Tudo em vão.

Por fim, depois de longo tempo, o animal cede e continua sua jornada. Um alívio pro seu condutor.

Conclusão: perdeu-se tempo, o animal apanhou e apanhou por nada, pois, enfim, teve que continuar seu percurso, carregando todo o peso.

Poderia ter sido diferente.

.....

No campo profissional, doméstico, social, religioso, assistencial, etc, deparamos com mil e uma oportunidades de trabalho.

E todos necessitados do trabalho prá realizarmos nossa evolução.

Ele é indispensável. Mostra-nos ainda o Espiritismo que temos um programa a cumprir, assumido por nós, significando isto, entre outras coisas, um caminho a percorrer e uma "carga" prá carregar.

Entendemos que a relutância em executar tarefas que podemos realizar é empacar à maneira do burro, e sofrer à maneira do burro, levando as "reiadadas" da vida, que se manifestam de inúmeras formas, genericamente chamadas de dor. E se insistimos na imobilidade diante das tarefas, sofrermos, perdemos tempo e ficamos distantes da felicidade.

Por isso, é bom lembrar: pode ser diferente.

COMO FUNDAR UMA MOCIDADE

Percebemos que muitas vezes, alguns centros teriam condições para abrir uma Mocidade Espírita, mas não o fazem por falta de conhecimentos e experiência. Damos então, algumas dicas de como fazê-lo.

Após estar constatada a necessidade de uma Mocidade Espírita junto com a diretoria do centro, inicia-se o trabalho de vibrações. Estas vibrações servem como chamada para os jovens da região.

Enquanto continuamos com as vibrações, devemos conversar com os jovens da casa, procurar saber qual o melhor horário, caracterizar que tipo de jovem frequentará a mocidade.

Procurar no livro "Aliança: Vivência do Espiritismo Religioso" a parte de Mocidades Espíritas e montar um calendário com as aulas e atividades começando logo após a divulgação pelo bairro e pelo centro.

Não esqueçamos jamais do plano espiritual para início e continuidade da turma.

(Este artigo foi extraído da apostila de Dirigentes de Mocidades Espíritas).

Lembramos também que a CAM (Comissão de Apoio Às Mocidades da Aliança), realiza anualmente um curso para Dirigentes de Mocidades, além das reuniões mensais, com datas e horários publicados no "O Trevo" de Dezembro/88, abertas para quem

estiver interessado. A CAM está disposta também, para auxiliar através de correspondências (Rua Genebra, 168 - São Paulo, 01316).

Tenha sempre a Mocidade Espírita com muito carinho e amor, pois assim terá uma bela turma dentro do centro.

REUNIÃO OBRIGATÓRIA

Lembramos novamente, que a CAM (Comissão de Apoio Às Mocidades da Aliança), realiza mensalmente uma reunião aberta a todos os representantes de mocidades da Aliança para conhecermos melhor cada centro e cada turma, assim trocarmos idéias e experiências já vividas por outras turmas, além de planejarmos e organizarmos todos os eventos (encontros, cursos).

Duas vezes por ano (junho e novembro), esta reunião é obrigatória, ou seja, deve estar presente ao menos um representante de cada centro com mocidade.

No dia 4 de Junho às 15 horas, haverá uma das reuniões obrigatórias no CEAE Genebra (Rua Genebra, 172 - Bela Vista, São Paulo), na qual será feita uma avaliação geral sobre os avanços no movimento de mocidades espíritas.

Contamos com sua presença nesta reunião para que ela alcance seus objetivos.

O MEDO NOSSO DE CADA DIA E A CONSTRUÇÃO DA NOVA ÉTICA

O jornalista e escritor Mauro Santayana publicou, no jornal "Gazeta Maercantil", de S. Paulo, dos dias 15/17/18 de abril, artigo intitulado: "o medo nosso de cada dia e a construção da nova ética", que transcrevemos a seguir.

Se as épocas podem ser definidas pelo sentimento nelas dominante, vivemos a idade do medo. A ilusão de segurança individual, que acompanhou o avanço técnico (e, em certa medida, o estimulou), cede lugar, hoje, a uma difusa e múltipla sensação de perigo. Esse medo não desmente a atração para a morte já apontada por tantos pensadores contemporâneos. Em alguns casos a morte passa a ser definitivo remédio contra o pânico.

Em Viena, um hospital se transformou em repartição de extermínio. Os pacientes a ele foram conduzidos com a esperança de preservar a vida, e ali encontraram a solução final. Os jornais apelaram para o velho lugar-comum e deram às enfermeiras culpadas o qualificativo de "anjos da morte". No princípio, alegaram motivos aparentemente nobres para o assassinato. Tratava-se de piedosa eutanásia. O inquérito, no entanto, revela causas bem vulgares. Os pacientes davam muito trabalho.

Os velhos são normalmente aborrecidos, porque a velhice, salvo casos excepcionais, é moléstia dolorosa e incurável. Nos países ricos cada dia há mais velhos e menos jovens. Necessitando tempo para vivê-lo intensamente os jovens não querem filhos, e não sabem como ficar livres de seus velhos.

Enquanto podem cuidar de si mesmos, os velhos são tolerados. Ao enfermarem-se, são amontoados em asilos e em hospitais, a fim de esperar a morte. Muitos dos assassinados em Lainz não necessitavam hospitalização, mas não havia quem a eles se dedicasse no seio da família. Há muitas formas de matar - e a solidão pode ser, para alguns, a mais terrível maneira de morrer.

As enfermeiras criminosas não constituem grupo anômalo, de psicopatas, na sociedade auropéia de hoje. Sua conduta está dentro da lógica do sistema. Para algumas das famílias enlutadas, o desenlace terá sido um alívio. Não mais terão que se submeter à farsa da visita semanal, com o forçado ritual de flores e das frutas. Entre essas enfermeiras haverá boas esposas e mães e, provavelmente, boas filhas, dentro dos critérios contemporâneos. São pessoas normais, que se emocionam com as tragédias distantes, mostradas pelas emissoras de televisão.

É quase certo que se preocupem, como a maioria dos austríacos, com a sorte dos índios na Amazônia, e é mesmo possível que hajam contribuído para alguma forma de assistência aos pobres do Terceiro Mundo. Vive-se um tempo em que a imagem emociona e a realidade próxima enoja. Se a emoção do vídeo é demasiadamente forte, há o recurso de procurar outros canais ou desligar o aparelho. Para os velhos que gritam na noite, no entanto, a solução é a "overdose" de insulina.

O medo é a resposta dialética a uma civilização que, como nenhuma outra da história, exalta venera a grandeza. Se é verda-

de que doença sempre foi vista com terror pelos homens (o mais comovente relato da solidão da enfermidade é o de John Donne em suas "Devotions"), a repulsa à doença se acentua na mesma medida em que se multiplicam os centros de ginástica estética, proliferam as dietas milagrosas e a biotecnologia nos promete o novo e admirável mundo de Huxley. Da iniciativa das enfermeiras de Viena à morte programada geneticamente para os debéis e dispensáveis, que pode estar em uma esquina do futuro, não há distâncias morais. Tal como para máquinas, há para homens um tempo de "vida útil".

E o homem só é considerado "útil" se essa utilidade é dos outros. Um pai de família é útil para gerar os filhos, educá-los, construir, quando possível, algum patrimônio. Findo esse tempo passa a ser um traste que já não combina com a decoração do apartamento.

Antigamente, em muitos casarões mineiros, havia, em recanto bem discreto, o "quarto dos doidos", em que eram escondidos os parentes "esquisitos", muitas vezes senis, quando chegavam os estranhos. Nos apartamentos das grandes cidades já não há lugar para recolher a senilidade, nem paciência para suportá-la.

Há outros medos. Há poucos dias, em debate sobre as armas biológicas um oficial de Estado-Maior Italiano fazia gravíssima revelação: por um punhado de dólares é possível comprar no mercado americano, "virus e bactérias que provocam infecções incuráveis. Tais armas, segundo o militar, não têm sido utilizadas nos conflitos bélicos, mas são empregadas em assassinatos políticos e homicídios comuns. Basta algumas gotas de um caldo infectado em contato com a pele para que se tenha o crime perfeito. Essas informações fortalecem as suspeitas de muitos amigos de Tancredo: em seu sangue foram encontradas bactérias raríssimas em nosso país.

Não faz muito houve a denúncia de que crianças da América Central estavam sendo vendidas para centros hospitalares, a fim de constituírem um banco de órgãos para transplante.

O sistema, de acordo com as denúncias, era perfeito. Tratava-se de adoções aparentemente legais, em que miseráveis assumiam o papel, remunerado, de adotantes e recebiam, mais tarde, com o atestado de óbito das vítimas o seu pagamento.

As viagens aéreas, que sempre atemorizam, transformaram-se em arriscadíssima aventura. Não se trata apenas da ameaça de terroristas ou seqüestradores loucos. Grandes países, entre eles os Estados Unidos, realizam exercícios aéreos sobre águas internacionais sem qualquer pré-aviso, colocando em risco a segurança dos aviões civis, conforme vem acontecendo ultimamente no Mediterrâneo.

A única resposta para o medo é a da solidariedade. A força primitiva dos Cristianismos não estava em oferecer ao mundo greco-romano mais um deus e alguns rituais religiosos. Seu vigor se ancorava na efetiva fraternidade, que levava os cristãos à renúncia de seus bens e posições, em favor

dos outros, a os fazia resistir a todos os atos de repressão.

Reencontrar essa solidariedade não será fácil. Fatos como os de Viena podem acontecer em qualquer parte do mundo. Nas grandes cidades brasileiras, por exemplo, a violência é vista como alguma coisa rotineira, quase normal, e cada um trata de defender-se isoladamente.

Há poucos meses, os jornais divulgaram a imagem de uma senhora morta, atropelada na mais suntuosa das avenidas de São Paulo. Seus restos eram tratados como inútil embalagem, à espera dos serviços de limpeza urbana. As pessoas passavam com um só cuidado: o de não tropeçar no escolho.

Apesar de tudo, há alguma esperança. Em muitas cidades brasileiras renasce o espírito da comunidade, com a alegria de fazer e viver coletivamente. É nesse rito tão singelo, do convívio entre vizinhos, da descoberta dos amigos, que podemos reencontrar as armas contra o medo e o estímulo para construção de uma nova ética.

ARTE DE VIVER

Celso Martins

Houve um tempo em minha vida durante o qual eu supunha que só o espírita é que soube viver. É... Não que desejasse que todos pensassem como nós, os espíritas, não; mas achava que o simples conhecimento do Espiritismo ensinasse a criatura a viver.

Bem, hoje tenho outra opinião. É claro que continuo achando que o conhecimento espírita, sem desmerecer as demais seitas e das outras pessoas, fornecemos os elementos e subsídios para que aprendamos a difícil arte de viver. As verdades que nos chegam das obras espíritas, desde Kardec até as comunicações das entidades dos nossos médiums atuais, passando-se também pelos livros escritos por um Imbassay, por um Herculano Pires, por um Ignácio Ferreira, por um Leopoldo Machado, por um Deolindo Amorim, estas verdades nos dão condições de valorizar melhor o tempo, disciplinando-nos a língua e o pensamento, dominando-nos os impulsos, melhorando os nossos sentimentos e por isso mesmo facilitando a nossa convivência com os colegas de serviço e sobretudo com os parentes mais chegados.

No entanto este conhecimento espiritual por si só não é o suficiente para moldar a nossa conduta! É necessário que tenhamos a vontade firme, o desejo sincero de melhoria íntima também. O remédio pode ser o melhor, elaborado pelo mais requintado farmacêutico em obediência a mais criteriosa prescrição do mais competente médico. Mas se o doente não toma aquele medicamento, é claro que não irá ficar bom de sua doença.

Não basta que eu entre mil vezes num centro espírita e tome passe, tome água fluidificada, receba espíritos, ouça ou faça lindas palestras - se não me esforço para que o Espiritismo também penetre em mim! Por isso mesmo, hoje aceito a possibilidade de

(Continua na pág. 6)

ARTE DE VIVER

(Continuação da pág. 5)

existir até uma pessoa que, embora não sendo espírita, seja mais espiritualizada do que eu mesmo! Evidentemente não se exigirá do espírita nenhuma carteira de identidade onde esteja anotado: Grau de Perfeição: Nota 10! isto seria uma ingenuidade! Uma pretensão infantil! O espírita, à maneira das demais criaturas humanas, tem (é claro) seus méritos e suas imperfeições, uma vez que é uma pessoa como outra qualquer. Só que ele, o espírita, conforme já dizia Kardec, deve lutar para empreender a sua reforma moral íntima para seu próprio progresso. E isto - nem sempre fazemos, para nosso próprio malefício! Somos espíritos e ainda somos egoístas! Mantemos nosso orgulho! Conservamos nossos maus pendores! Muitos alegam: "Ah! Na outra encarnação eu serei melhor!" Deus queira que sim. Mas seria bom que comessem esta operação agora, já!

E aí, para concluir o que desejava dizer, pode aparecer então uma outra criatura que nunca ouviu falar em Doutrina Espírita, e ser muito mais evoluída por que já se descartou destas sombras que enfeiam ainda o nosso eu interior, apesar do nosso conhecimento espiritual.

(De "Macaé Espírita" de março/89)

O TRABALHO

Lucia Tancredo Bochichio
G.S. Emmanuel, Perufe

Alice chegou em casa eufórica e foi dizendo:

- Mamãe, mamãe, a professora, hoje deu uma aula sobre o trabalho, como gostei!

- Ela falou que Deus criou o mundo e tudo que nele está e não descansou e cria sem cessar.

- Que a terra é mãe, que nos alimenta e que a natureza trabalha sem cessar em benefício do homem.

- Mamãe, por que o homem destrói aquilo que Deus criou?

- Alice, geralmente, quando se destrói, é por ambição.

- Mamãe, o trabalho é abençoado, quero crescer logo para trabalhar.

- Você já trabalha, Alice, estudando, procurando aprender as coisas boas, expulsando as más, isto também é trabalho, tudo que se faz é trabalho.

- Mas existem os ociosos que não trabalham, que nada fazem de bem para a humanidade, e, sim, fazem o mal, porque aquele que não trabalha, não ocupa sua mente com coisas boas e úteis e só pensam na maldade.

- Mamãe, se a natureza trabalha, o homem deveria trabalhar também, sendo ele criação de Deus e da natureza.

- Sim, filha, mas existem aqueles que ainda não aprenderam que Deus é Pai de amor e que somos todos irmãos e devemos nos amar.

- Que pena, mamãe, nós precisamos ensinar a estes homens que praticam o mal a conhecer Deus e a sua criação.

- Sim, filha, existe um livro muito bom, que ensina o homem, que fala sobre Deus e a criação, é o "Livro dos Espíritos"; todos os homens deveriam saber sua origem, através deste livro.

- Quando o ser humano tiver conhecimento que é um espírito e que veio ao mundo para se aperfeiçoar e ser perfeito como o Pai o é, tudo será diferente, ele não vai mais destruir nada e, sim, construir.

- Que bom, mamãe, se isto acontecesse eu seria mais tranqüila e feliz porque saberia que não iria sofrer no futuro.

- Sim, Alice, tenho fé em Deus que um dia isto irá acontecer, vamos orar pela paz entre os homens e pela expansão do Evangelho de Jesus.

Felizes daqueles que desde cedo ensinam as crianças a amar a Deus, a natureza e a criação.

NAS TRILHAS DA VIDA

(Continuação da pág. 8)

(cromossomo) que o código armazena, faz as cópias, orienta a síntese das proteínas com as devidas transformações das necessidades fisiológicas. Também, quando procuramos definir e entender os processos da divisão celular, ficamos extasiados com os seus mecanismos e mistérios.

Será que no campo material, o acaço de substâncias químicas, sózinhas, unindo-se para dirigir modelos fisiológicos perfeitos e precisos, possa ser a resposta da vida? Por que as células de um organismo se dividem, se regeneram, morrem, outras vezes se compõem de modo ajustado, outras tantas entram em divisão anárquica? No organismo de 100 trilhões de células, em média existem constantes substituições, excetuando os nervos e músculos, definindo usinas de características perenes ou lábeis. Diante de tantas variantes de procedimento, não seria lógico pensar-se num campo organizador e diretor em que as equipes celulares estariam sob controle e submetidas a constante orientação?

Só um "campo energético" de superiores possibilidades poderia responder pelo impulso da vida. Não seria uma energética resultante de acúmulos materiais em irradiações, mas, sim, um campo mais avançado, transcendente, de qualidades energéticas específicas. Caminharíamos, assim, em busca de campos mais avançados do psiquismo ou campos espirituais, com as suas necessárias expansões e respectivas adaptações na zona física. Por sua vez, a psicologia hodierna, na explicação dos mecanismos psíquicos, está cada vez mais direcionando as questões para os modelos transpessoais, isto é, aqueles que transcendem dos desgastados padrões materiais. Será nos arcanos do Inconsciente ou Zona Espiritual que se encontrará a chave do fenômeno da vida e seus respectivos e imensos impulsos.

Não temos dúvidas de que o nosso próximo século, início de um novo milênio, saberá penetrar nas razões espirituais, em apropriadas pesquisas e adequadas verificações, mostrando muitos dos mistérios da vida e sua finalidade. Não podemos continuar a in-

sistir em definir a vida com os conhecidos modelos de matéria; esses já nos disseram muitas coisas dentro de suas próprias possibilidades; teremos que mergulhar nas autênticas posições espirituais, onde a imortalidade e os processos renovatórios da reencarnação oferecerão sustentáculos para as novas verdades científicas.

(Do Boletim Semanal Espírita de 11/2/89)

VERDADE

José Torres - Casa de Timóteo

O cotidiano nos leva com frequência a aflições inexplicáveis, causada comumente pelos problemas materiais.

A luta que travamos com o nosso interior para nos libertar é violenta, e o progresso lento. Mas Deus é paciente, e à medida em que perseverarmos em nossa reforma íntima nos aproximamos da verdade.

VERDADE

Iara Christo Lopes - Casa de Timóteo

Não devemos encobrir a verdade para não magoar as pessoas ou porque receamos que suas atitudes não sejam as que esperamos.

Pois a verdade abre os olhos das pessoas para os seus problemas e, melhor que isso, as pessoas começam a enxergar você como uma pessoa confiável.

Nem sempre falamos as verdades, encobrindo alguns fatos para que a narrativa fique de acordo com o nosso crivo pessoal e não como os fatos realmente são.

Admiro muito as pessoas que conseguem expressar o seu interior, como se nós, expectadores fossemos espelhos onde a imagem se faz real, tal qual os fatos. E mostra assim a beleza do seu interior.

Estou lutando e contando com a ajuda do plano maior, para que um dia eu seja como o exemplo citado.

INDIVIDUALIDADE ETERNA

Anna Maria G. Doria - CE G. Ferreira

Nesta seiva de pedra em que vivemos, e que é o nosso Planeta Terra, buscamos quase sempre os bens materiais, e relegamos para amanhã, os bens espirituais. Esquecemos que o que levaremos para outros mundos serão nossas boas ações, nossas virtudes, e tudo de bom que fizemos, quando trilhamos os caminhos da nossa existência, às vezes curta, às vezes longa, segundo os desígnios de Deus. No dia em que pararmos para pensar, compreendermos que somente superando o que existe de transitório, no transcender da nossa caminhada é que nós, aprendizes, conquistaremos a individualidade eterna.

CAMINHAR COM CRISTO

Iracema Rossi - CE Redentor

Caminhar com Cristo é executar o que aprendemos com Ele. Não temer as responsabilidades, amar tudo o que fazemos e todos que nos rodeiam. Aprendendo, trabalhando servindo com amor na construção do bem. Porque Jesus nos disse: Faze isso e viverás.



Página dos Aprendizes

BOA PALAVRA

Augusta Ramos
CE Redentor

Ao conversar devemos pensar que as nossas palavras podem influir na maneira de pensar ou de proceder de nosso interlocutor e que com elas podemos ajudá-lo a por suas idéias em ordem e tornar mais fáceis de solucionar problemas que antes pareciam tão difíceis. Devemos pensar, também, que tudo o que falamos, demonstra o que somos, o que sentimos, o que pensamos; que ao conversar, nós estamos pon-do para fora nosso "eu" interior, e como não somos perfeitos temos que ter cautela para não dizer algo que em lugar de auxiliar leve a pessoa a uma reflexão negativa.

Todos nós precisamos, de vez em quando, que uma pessoa em quem confiamos nos ouça por meio de palavras alentadoras e carinhosas nos encorage tornando nos-sos problemas mais suaves.

Procuremos ser dignos da meta que nos propusemos a seguir, e nossa palavra de amor possa ser um incentivo, e, por meio dela levarmos ajuda a cada pessoa que necessita.

SOFRIMENTO

Odila Rocha Gerra
CE Redentor

Ainda que tenhamos uma idéia formada sobre o sofrimento, nem sempre ele é a melhor forma para evoluir.

O melhor seria que cada pessoa por si só entendesse que pouco adianta ficar se martirizando, e sim ir buscar os ensinamentos de Jesus fortificando cada vez mais seu espírito.

Aparecida Dias Daniel
CE Redentor

Nunca devemos pedir o afastamento do nosso sofrimento, mas sim força e sabedoria para melhor suportá-lo. Depende muito de sabermos sofrer, com fé e humildade. A paciência terá inenso valor para nossa evolução.

ARREPENDIMENTO

Ludmila G. Romualdo
CE Redentor

Para pagar as nossas dívidas temos que nos arrepender, reconhecer o próprio erro; isto quer dizer, mudar de conduta, estar disposto a não agir mais da mesma forma, mesmo que isto seja tão difícil que volte-mos a cometer o mesmo erro. Mas o importante é não desistir e sempre tentar novamente, reconhecendo que estamos errados, vamos reparar o nosso erro, ajudar a quem prejudicamos. É difícil e doloroso, mas é por este meio que o homem mais evolui.

Através do arrependimento podemos fazer uma viagem dentro de nós mesmos, enxergar realmente o que somos, as nossas falhas e procurar nos melhorar.

QUEM SOU EU

Ika Quirolli
CE Redentor

Sou uma pessoa que está se descobrin-do. Sou um ser comum, com todos os defei-tos; reparo, olho, critico, sou também sen-sível ao sofrimento. Sei que ainda vou me reformar, querendo ajudar o próximo e me ajudar também.

SILÊNCIO

José Augusto Pagani
CE Redentor

Manter-se em silêncio é ter um grande equilíbrio, coisa que na maioria das vezes não o fazemos. Deixando que o nervosismo se apossa da gente.

Por isso toda vez que o nervosismo quiser nos dominar, contemos até 10, para nos acalmar e manter o equilíbrio.

DESPRENDIMENTO

Marcia E. de C. Bastos
CE Redentor

O verdadeiro valor do desprendimento é quando uma pessoa doa sem visar volta. Doar com carinho, com amor pensando só no bem e na felicidade do próximo.

Só assim conseguimos evoluir um pou-co mais.

PAZ

Zilda Rodrigues Pedro
CE Redentor

Quando soubermos combater o ódio, o egoísmo, o ciúme e principalmente as ilu-sões terrestres, afim, estaremos conquistando o espaço tão sonhado espiritualmente. Sabemos a oportunidade que nos foi dada. E por ela devemos lutar sempre. Qualida-des morais e virtudes não são meras fórmulas verbalistas. São forças vivas, sem a posse delas é impraticável a ascensão do espí-rito humano. Porque o espírito estando en-carnado ou desencarnado estará sempre em prova.

O CAÍDO

Luiz Formentin
CEAE, Santos

Nós precisamos lembrar constantemente, ou melhor, nos conscientizarmos, de que viemos de uma mesma criação, somos obra de um mesmo criador. Somos uma grande família.

Só por este motivo, não precisávamos mais fazer outros comentários sobre o assunto, porém, ainda poderíamos pensar mais um pouco.

Se repararmos, no próprio dia-a-dia, nas diferentes profissões, nas diferentes aptidões, nas diferentes virtudes e franquezas veremos que temos muito para dar e receber, ensinar e aprender, com esta grande família e que a solidariedade em todos os sentidos (moral e material) desponta como forma natural, do progresso, do amor ao próximo, do amor a Deus, quando conseguirmos que este sentimento seja realmente sincero.

FRAGMENTOS DE UMA CADERNETA PESSOAL

A seguir, algumas anotações de caderneta pessoal de um aluno da Escola de Aprendizagem do Evangelho. Percebe-se que são anotações de alguém que está exercitando auto-conhecimento para crescer:

Assim como tenho um pouco (ou muito) de todos os defeitos, acredito que tenho também um pouquinho de todas as virtudes. Mas, dentre elas gostaria de ter compaixão, saber perdoar e ter compreensão.

Fico muito magoada quando percebo alguém falar mal de mim pelas costas. (*Orgulho*)

Não é bom me preocupar tanto com meus próprios problemas. (*Egoísmo*)

Fico com raiva quando alguém me responde de forma brusca, mesmo que a pessoa tenha razão. (*Orgulho*)

Ter medo de não ser aceita, de ser criticada, julgada, é ter vaidade.

Tenho de tomar cuidado para não falar mal dos outros. (*Maledicância*)

Não posso me esquecer de fazer uma auto-análise (revisão) de tudo que fiz durante o dia, toda noite.

Que mania de fazer as coisas afobadamente. É preciso fazer as coisas com calma. (*Paciência*)

Sinto tanto medo (meu coração fica aos pulos) quando vou expor meu tema á frente dos companheiros. (*Vaidade*)

Estou com dor de cabeça esses dias, de tanta preocupação e inconformação por problemas lá no trabalho. (*Orgulho? falta de fé? vaidade?*)

Ando tão irritada por causa de uns problemas. Mas só por isso não posso ficar tratando mal as outras pessoas.

Acho que o que sinto é medo de recomeçar (*vaidade*), é vergonha de recomeçar.

Não posso me esquecer que amar é como admirar o por do sol, sem cobranças nem exigências. Do contrário, é *egoísmo, possessividade*.

Tenho de ter a coragem de dizer "não".

É preciso manter a calma, mesmo quando a outra pessoa tem opinião contrária à nossa. Não vale a pena irritar-me. Tenho de tomar cuidado.

Detesto ser mandada. (*Orgulho*)

Acho que tenho de ter paciência também comigo mesma e não me sentir culpada por não ser melhor do que sou.

Nos momentos de grandes dificuldades não posso me esquecer que os amigos espirituais nos amparam. (*Fé*)

Devemos ter obediência a Deus; então não podemos nos preocupar tanto em relação ao futuro (*Inconformação*)

(continua na pág. 2)

NAS TRILHAS DA VIDA

Jorge Andréa

Muito se tem falado em herança, em cromossomos e genes, situados nos núcleos das células, como elementos responsáveis pelos impulsos da vida. Alguns pensam e defendem o ponto de vista de que nestas organizações estariam as fontes produtoras de fenômeno vital às custas de especial arregimentação de substâncias químicas.

Os genes governam as células que, como usinas miraculosas, mostram, no dia-a-dia, o mais admirável mecanismo. Quanto mais se investiga, quanto mais se define e conhece esses mecanismos, mais se observa a existência de uma ordem e finalidade a serem alcançadas nos movimentos biológicos. Muito se tem observado e pesquisado a respeito da vida e muito pouco se conhece, apesar das tendências modernas da biologia estarem deslocadas para o mundo atômico.

A biologia molecular e atômica, de braços dados, procuram, com insistência, os seus mistérios. À medida que as buscas se intensificam no terreno ultramicroscópico das partículas, a descrição dos eventos vai como que satisfazendo a corrente materia-

lista, hoje, já bastante reduzida. Quanto mais se pesquisa a estrutura material, novos horizontes aparecem e, com eles, novos modelos são introduzidos na ciência. Isto lembra, em parte os materialistas de antanho, quando o microscópio começou a dividir os infinitamente pequenos, e descobertas das novas formas eram confundidas com a própria criação; tudo isso porque, naquela época, já existia uma corrente de pensamento, bastante combatida, que admitia uma "força vital" dirigindo a matéria, tendo como seu mais expressivo defensor o grande Claude Bernard. Por mais que se anote e analisem os horizontes ultramicroscópicos, onde moléculas e átomos são amiúde fotografados, mesmo assim a vida, com seu impulso, estará além dessas peças, em campos específicos.

A percepção da existência de um campo energético dirigindo a organização física encontra-se no fato de que as células, de bem variadas formas, quando retiradas do organismo e convenientemente tratadas em laboratório (caso das culturas celulares), manifestam forte tendência a se tornarem independentes, tal qual acontece aos protozoários, seus autênticos ancestrais. As células não recebendo a influência de uma "força organizadora", direcionadora do organismo tentam o retorno às condições ancestrais de isolamento, não mais atendendo á colmeia de que fizeram parte.

Nesta "força organizadora" não estariam todas as possibilidades e impulsos que pudessem explicar as condições híbridas e patológicas da organização? Sabemos que nos genes celulares estarão as explicações dessas condições; mas, seriam eles, realmente, o orientador biológico de todo um organismo, ou apenas a tela de manifestações de campos específicos? A nossa ciência conseguiu penetrar e comprovar nos genes a origem de muitos defeitos orgânicos, de muitos distúrbios e desorganizações da

matéria; entretanto, esse amontoado de moléculas, átomos, por si só, não responderia pelos inteligentes processos do código genético e suas desarmonias.

Como as usinas celulares se organizam para tal fim dentro da colméia material e pelos seus próprios meios? A tendência das células, com seus cromossomos e respectivos genes, seria justamente a de tornarem-se independentes (exemplo das culturas celulares) e não de juntarem-se por iniciativa própria na criação de um organismo. Só poderemos entender esse processo de união e totalidade, às custas de um "coordenador geral" utilizando as telas dos genes dos cromossomos como regiões específicas de atuações e reflexos de seu próprio comando.

Mais ainda, a ordenada substituição de células, na maioria dos 200 tipos, em média, que o organismo humano possui, estaria na dependência de um "campo de forças" em ajustes perfeitos. O organismo é um todo, um conjunto atômico molecular e celular, estruturando tecidos e órgãos, a fim de atender aos aparelhos e sistemas. Toda essa condição holística representa o resultado de um harmônico campo de forças transcendendo a dimensão física onde esta se move e obedece.

Quando mergulhamos no mundo celular, essa expressiva e organizada usina da vida nos mostra os mais belos e intensos fenômenos que se passam em sua zona central ou nuclear. Nesta zona estão os cromossomos, material de herança carregando os códigos que respondem pela vida. Os códigos estão na dependência dos genes em perfeito trabalho nas imensas produções que o metabolismo exige. Cada núcleo dos 100 trilhões de células da organização humana possuirá, em média, 50 mil genes, cujas infinitas combinações refletem as atividades vitais. É na estrutura do ADN

(continua na pág. 6)

O TREVO

N.º 183 - MAIO DE 1989

REDAÇÃO

Rua Genebra, 168

Fone: (011)37-5304 - S.Paulo

Diretor Geral da Aliança
Espírita Evangélica:

JACQUES A. CONCHON

Jornalista Responsável:

VALENTIM LORENZETTI

Fotocomposição: LINOTEC - 270-8944